

A temporalidade no processo psicanalítico.

“Existem pacientes para os quais a psicanálise foi inventada e aqueles para os quais ela tem de se reinventar.”, Jacques André, em O Acontecimento e a Temporalidade, relatório do 69º Congresso de Países de Língua Francesa.

I- Todo o arranjo, se arranjo, sofre duas pressões simultaneamente: a de se extinguir como arranjo e se relançar no futuro sob a forma de novos arranjos. Todo o encontro, se encontro, morre e nasce a cada encontro. Pertence a sua dinâmica sofrer a ação do retorno ao inorgânico, silêncio das pulsões, e simultaneamente se lançar ao desconhecido, buscando mudar para não morrer. Simultaneamente, para trás e para frente. É o que nos ensina T. S. Elliot em seu Quatro Quartetos (1943):

*O tempo presente e o tempo passado
Estão ambos talvez presentes no tempo futuro
E o tempo futuro contido no tempo passado.
Se todo tempo é irredimível,
O que poderia ter sido é uma abstração
Que permanece, perpétua possibilidade,
Num mundo apenas de especulação.
O que poderia ter sido e o que foi
Convergem para um só fim, que é sempre presente.*

Acredito que o reconhecimento desta dinâmica simultânea de abertura e fechamento, de ligação e de desligamento, de seus modos próprios de funcionamento foi a maior das contribuições que Freud nos deixou para o

entendimento do que chamou no capítulo VII da Interpretação dos Sonhos de a "Psicologia dos Processos Oníricos".

II- Em vinte e um de setembro de 1897, Freud estava noivo e acabara de sofrer um golpe. Um acontecimento desfaz seu noivado e, como um golpe que desorienta e reorienta simultaneamente, encaminha sua reflexão para outras direções. Nesta data ele escreve a Fliess: "Neste colapso de tudo o que é valioso, apenas o psicológico permaneceu inalterado". E relembra uma das anedotas de sua coleção: "Rebeca, tire o vestido; você não é mais noiva nenhuma".

Ele não acredita mais na sua "neurótica"! Elas mentem!

Freud, a noiva. Mas, de quem ou do quê? Podemos pensar de si mesmo e de sua pretensão em protagonizar uma cena onde ele sabe as respostas e se vê capaz de tudo resolver. Ele sabe o modo pelo qual o sintoma histérico se ordena e sabe como tratá-lo. "Tudo dependia de a histeria funcionar bem ou não". Prossegue na carta, "A expectativa da fama eterna era belíssima, assim como a da riqueza certa, independência completa, viagens e elevar as crianças acima das graves preocupações que me roubaram a juventude".

De um só golpe, um acontecimento imprevisto desfaz as esperanças profissionais e existenciais tão caras a Freud. "Tudo dependia de a histeria funcionar bem ou não". Ele não contara com a possibilidade de um imprevisto como aquele.

Partindo de premissas bastante razoáveis e claras, Freud pensava que os sintomas da histeria como desvios causados pelo represamento da energia provocado por situações traumáticas. Sua terapia consistia em fazer a experiência remontar ao momento traumático de forma a liberar a energia ali represada. Estando desimpedida a via principal da energia, a paciente abreagiria e os caminhos substitutivos far-se-iam desnecessários. Como os sintomas equivaliam a estes caminhos substitutivos da energia, eliminadas as vias substitutivas, eliminados estariam os sintomas.

Tudo parecia tão claro, tão ordenado. Mas não nos iludamos com o que hoje pode ser descrito com certa simplicidade e até mesmo alguma inocência. No

final do século XIX, exigiu engenho e arte. E ciência. Pois neste modelo estão contemplados os dois princípios que nortearam e continuarão norteando por muito tempo nosso modo de pensar: o modelo causal e o tempo como sucessão temporal. Isto é, as coisas ganham inteligibilidade uma vez que remetidas as suas causas primeiras e que essas causas se inscrevam na ordem do tempo, do antes e do depois.

Na esperança de fama eterna e fortuna de forma a não sacrificar os filhos naquilo que sacrificou sua juventude, Freud acreditou que pudesse dar-lhes isso através da compreensão que lhes oferecia. As histéricas queriam ser escutadas e consideradas. E ele achou que sabia escutá-las. Mas elas o enganaram ou ele se enganou.

Claro que ele não foi o primeiro. Os homens sempre se acharam mais capazes de observar o imperativo categórico, de cumprir seu dever livre de toda a inclinação.

Abro um longo parêntese.

Neste fim de ano li um belíssimo romance: *Auto de Fé*, de Elias Canetti. Nele encontrei uma forte crítica à posição daqueles que pretendem protagonizar o conteúdo da vida e da verdade.

Para aqueles que não conhecem a obra e gostariam de saber de que se trata, diremos que *Auto de Fé* conta as peripécias de um erudito, Peter Kien, um sinólogo, cuja vida é dedicada à exegese e tradução de textos de sábios chineses. Ele não tem senão uma paixão, a paixão pelos livros. Em alemão, o romance se chama *Die Blendung*, *A Ofuscação*. Ofuscar não quer dizer apenas o que impede algo de ser visto. Ofuscar traz à cena a cristalização de um foco único que impede sujeito de ver tudo mais que o cerca. E o sujeito humano **é** tudo o que o cerca!

Peter Kien despreza tudo o que lhe pareça supérfluo e desnecessário a seu propósito. Em sua casa-biblioteca há apenas uma mesa de trabalho, uma cadeira e um divã, isto é, o estritamente necessário para trabalhar e descansar (mas descansar unicamente com o fim de trabalhar melhor!) e nada mais. O seu apartamento é uma imensa biblioteca constituída por 25 000 volumes. Vive na

mais absoluta austeridade, e fora a importância que dá aos livros, tudo é desprezado. Esta atitude lhe rende situações onde se vê envolvido por escroques de toda a espécie, dos quais não se defende por puro desdenho. Podemos até mesmo dizer por uma radical recusa em ver o que quer que não lhe interesse ver. Certo dia conhece Thérèse, uma senhora que vem arrumar de vez em quando seu apartamento. Pelo cuidado e asseio com que trata seus livros, Peter Kien imagina poder tomá-la como senhora Kien. Tê-la-ia em sua casa e isso certamente daria a seus livros mais "conforto". Algumas páginas mais tarde, Thérèse manifesta o desejo em ter mais móveis em casa, algo além da escrivaninha, da cadeira e do divã. Uma cama para dormir, por exemplo. Nós, os leitores, a princípio, nos compadecemos de sua miséria no casamento. Outras tantas páginas mais tarde, irrompem os seus desejos, dentre os quais o sexual, para desespero de Peter Kien. Daí em diante a história do casal será marcada pelo desencontro e desespero. Outros exemplos de seus personagens: Fischerle, o anão, amante de xadrez, que vive nos botequins freqüentados pela escória da cidade, buscando aplicar golpes. Fischerle, diante do desamparo que percebe em Peter Kien para lidar com a violência de Thérèse, finge querer protegê-lo. Sonha em ir para os estados Unidos, onde se tornaria campeão de xadrez e milionário. Logo inventa formas de se apossar do dinheiro de seu pretense amigo. Vejam que engenhoso: Peter, em sua paixão pelos livros, não admitia que as pessoas penhorassem seus livros sob qualquer pretexto. Fischerle combina com seus amigos de botequim, para que sob seu comando, cada um deles fosse à casa de penhores com um pacote, que nada continha, dizendo se tratarem de livros que seriam penhorados por valores insignificantes. Peter, diante desta vilania, ver alguém se desfazer dos livros e por preços tão irrisórios, comprá-los-ia por fortunas, não apenas para dar-lhes o valor que têm e merecem ter mas como também para que seus donos os mantivessem consigo.

Como alguém poderia se deixar enganar por meio de manobras tão óbvias!!

Há ainda Benedikt Pfaff, o porteiro, em casa de quem se refugiará, um velho da polícia que só sabe expressar-se através da violência: é a sua maneira de

amar ou de odiar, como o descobriram a sua esposa e a sua filha, assassinadas por ele.

Descrevo rapidamente os personagens com que Peter Kien..., digamos, se relaciona com a finalidade de lhes contar o universo em que a história de Peter Kien se passa. Tudo se dá e se passa no imundo do mundo e aquilo que não afeta diretamente seu trabalho, "esses tolos que jamais seriam capazes de reconhecer a importância dos meus livros e do meu trabalho", como poderia muito facilmente dizer Peter Kien, é tratado com recusa, desconsideração, desdém e desprezo.

Die Blendung! A Ofuscação!

Lá pelas tantas, descobrimos que Peter Kien tem um irmão: George Kien, um famoso psiquiatra de Paris onde vive e cuida de oitocentos pacientes. George recebe um telegrama contando a situação desesperadora do irmão e vem em seu socorro. Encontra o caos. Na leitura do romance, sua chegada representa uma trégua, um descanso no esforço que a loucura dos personagens e de suas relações nos exigem. Thérèse expulsara o marido de casa, hipotecara parte de sua biblioteca a fim de conseguir dinheiro para realizar seu sonho de ser dona de uma loja e agora vive no apartamento do casal com o porteiro. Peter Kien mora no aposento do porteiro e é sucessivamente espancado por ele. George, psiquiatra, sabe conviver com a loucura e não se espanta nem assusta. Aos poucos vai dando ordem a tudo. Seduzindo Thérèse com a promessa de uma leiteria, consegue o divórcio do irmão; recupera os livros hipotecados e rearruma a biblioteca; apresentando-se como um chefe de polícia, contém o porteiro e faz Peter se mudar de apartamento. De repente, começamos a respirar aliviados porque a história começa a ter pé e cabeça. Tudo vai se ajeitando. Parece que tudo vai voltar ao normal. Mas aí, George se vê diante dos imprevistos. Peter não reconhece nos gestos do irmão nada pelo que deva agradecer. Segundo o erudito, George age movido pelas inclinações, quer ser amado, como as mulheres. George seria incapaz de compreender seu trabalho, a importância do que faz, seus livros. Enquanto é atacado, George compreende os ataques como sendo expressões dos acontecimentos nos quais o irmão bibliófilo se envolvera mas que não pode

aceitar, sob pena de ser, também ele, Peter, mulher, isto é, de desejar amor, atenção e compreensão. No belíssimo diálogo que mantém com seu irmão quase ao fim do romance, temos a impressão que as coisas encontram um fio que as ordena e, tal como George, satisfeitos com o resultado de seus esforços, tomamos o trem junto com o psiquiatra e voltamos para Paris. Um dia George voltará e o irmão será capaz de reconhecer o que aconteceu e então conversarão.

De volta a seu apartamento, excitado em estar com seus livros e voltar a trabalhar seus textos, Peter se vê ameaçado pelas possibilidades de ser invadido em sua biblioteca. Fecha as portas, mas os livros começam a pedir socorro. Os livros gritam. Eles, os livros, fazem a maior algazarra. Peter quer protegê-los, não pode deixar que caiam em mãos que não os mereçam. Peter coloca uma escada no centro do apartamento e incendeia sua biblioteca e a si mesmo em uma sonora gargalhada.

Die Blendung! A Ofuscação!

A mim tocou a presença de George, o psiquiatra parisiense, no romance publicado em Viena em 1935. Acho que, como Freud, George Kien também estava noivo, ofuscado pelo noivado de seus supostos poderes. Imaginou que poderia arrumar as coisas na vida do irmão e que tudo se manteria do modo com que as deixou. George, apesar de psiquiatra, em seu noivado, esquecera, por soberba e arrogância, o compromisso irremediável do homem com a loucura. George Kien acreditou que com a sua arrumação, poderia deixar esta “louca da casa” de fora da casa. Peter Kien, seu irmão, trouxe-a de volta para dentro da casa por intermédio de sua recusa igualmente categórica. Uma desobediência que conduz, paradoxalmente, à obediência do imperativo categórico, na imposição de manter o desejo fora do campo do desejo.

Um imprevisto que trouxe Freud e George Kien para dentro e de volta à história.

Lendo o romance, ficamos sem saber que consequências este imprevisto produziu na vida de George. Sabemos que Freud fez dele o motor de seu trabalho e da invenção da psicanálise.

Fecho o longo parêntese.

E qual o estatuto deste imprevisto? Em que ele consiste? Trata-se de um conteúdo? Poderíamos supor que o barulho dos cascos dos cavalos pudesse disparar a fobia de Hans? Ou o pagamento de uma dívida liquidaria a obsessão do Homem dos Ratos?

Mas para pensar o estatuto deste imprevisto há que primeiro desfazer o noivado. Só assim haverá abertura para se ganhar a vida de interpretando sonhos, como Freud lamenta ao terminar a carta de 1897. "O livro sobre o sonho continua inteiramente seguro e meus primórdios do trabalho metapsicológico só fizeram crescer em meu apreço. É uma pena que não se possa ganhar a vida, por exemplo, com a interpretação dos sonhos!"

III- *"O infantil – escreve J-B. Pontalis – é o sexual indiferenciado, em que podem coexistir ternura e sensualidade, masculino e feminino, ativo e passivo. Não subordinado a uma função, não ligado a órgãos específicos, o infantil ignora totalmente o princípio de realidade e talvez seja até insubmisso ao princípio de prazer, que implica uma finalidade. Um sexual sem princípios. Esse infantil não tem idade. Não corresponde a nenhum lugar, a nenhum tempo atribuível. Não está atrás de nós; é uma fonte no presente, viva, nunca esgotada."*¹

O tempo no infantil assim como no sonho, na fobia do Pequeno Hans assim como na obsessão Homem dos Ratos, é a temporalidade do *après-coup*, do só-depois, como propôs M.D.Magno, do *a posteriori*, como consagrado na tradução brasileira do termo alemão *nachtäglich*. Literalmente, *nachträglich* é aquilo que é "trazido depois", *nach*-depois, *tragen*-trazer.

Para desenvolver o conceito de *après-coup*², vou seguir o relatório elaborado por Jacques André para o 69º Congresso dos Países de Língua Francesa que acontecerá em Paris nos dias 21, 22, 23 e 24 de maio.

¹ *Ce temps qui ne passe pas*, Tracés, Gallimard, 1997, p.32.

² Mantere o conceito em francês em razão da ênfase que pretendo dar ao "coup", golpe sem o qual o *après-coup* não se dá.

Para começar vale lembrar que o conceito não se deixa reduzir à teoria da ab-reação. Enquanto a ab-reação quase só considera o ponto de vista da quantidade, o *après-coup* integra de maneira complexa os pontos de vista econômico- tópico- dinâmico. Escreve Jacques André: "*A ab-reação dá destaque à descarga (do afeto), seu movimento segue uma temporalidade simples, em conformidade com a linha do tempo e, principalmente, repousa numa concepção elementar ou até mesmo simplista da causalidade*". Por isso podemos dizer que o conceito de *après-coup* subverte tanto nossa representação comum da temporalidade quanto do causalismo.

O acontecimento é sempre do presente; o *après-coup* permite a abertura e a possibilidade de construção do passado. Aqui se insere a questão dos dois tempos do trauma: o primeiro tempo, onde um sujeito sofre uma experiência que deixa apenas marca (*prägung*) e um segundo tempo, *après-coup*, em que esta marca ganha possibilidade de se inscrever na cadeia associativa e significar. A "mentira" das histéricas, o incêndio da biblioteca, o barulho dos cascos dos cavalos, a dívida do Homem dos Ratos, foram os acontecimentos, o imprevisto, o acontecimento traumático, que, *après-coup*, desorientaram, no sentido de desfazer o noivado, no sentido do encontro com a diferença desconcertante do outro, e reorientaram, no sentido de abertura para o passado e para o futuro, a vida de cada um de nossos noivos.

A temporalidade do *après-coup* se desenvolve com base na a-temporalidade do infantil e aquela que é típica dos sonhos e do inconsciente, e não como simples consequência do desenvolvimento, tomado como sucessão de antes e depois.

"Não há idade para receber golpes que excedam as capacidades de um aparelho psíquico no momento em que são desferidos", diz Jacques André.

Assim como também não tem idade para o *infantil* em cada um de nós.

Uma confirmação desta idéia sobre a importância do tempo pode ser encontrada em André Green em seu último trabalho publicado no *International Journal* sobre o conceito de temporalidade em Freud, diz ter encontrado dezoito referências ao conceito de tempo em Freud! Apesar disso, o tempo não é objeto

da psicanálise apesar de estar presente nas formas de subjetivação e de inscrição do humano do homem. Do mesmo modo, o tempo interroga tanto a teoria analítica quanto sua prática.

Afirma Jacques André: "*O conceito de après-coup põe o tempo de cabeça para baixo, ele condensa em um paradoxo dois movimentos que a lógica exclui: a simultaneidade, a solidariedade, a confusão de um passado/presente e de um presente/ passado. O efeito de après-coup ignora a contradição*".

E prossegue: "*O après-coup é uma noção em tensão. Condensa duas dimensões que só querem afastar-se uma da outra. De um lado, a violência traumática, do outro, a sutileza de uma reinscrição, a complexidade de um significado remodelado. **O après-coup mantém um pé no inconsciente, seu acontecimento traumático só se transforma em abertura – e não simplesmente em recalque – se encontrar alguém para ouvi-lo***³. O après-coup é um trauma, e se não é uma simples repetição é porque contém elementos de significação que dão acesso, desde que encontrem uma escuta e uma interpretação, a uma transformação do passado.

Desde que encontre um outro!

O *après-coup* é um acontecimento traumático tardio na procura de um intérprete e de um sentido e isso se dá no e pelo encontro com a radical e imprevista alteridade do outro.

Ano passado escrevi um comentário sobre o conceito de enactment para o congresso da Fepal. Na medida em que encontro correspondências entre os dois conceitos (ambos introduzem a questão da assimetria na relação psicanalítica), vou reproduzi-lo na parte que diz respeito a tais correspondências: (...)

"Estudando estes traumatismos precoces, Freud nos diz que eles são o resultado de experiências relativas ao corpo, isto é, percepções sensoriais, ou ainda experiências que se marcam pela quantidade, pela força da pulsão frente à fragilidade do aparelho psíquico. Deste modo, quando falamos em reconstrução do passado, estamos diante de um passado que se expressa de forma particular, que

³ Grifo meu

se expressa por barulhos, por tensões oriundas de atualizações traumáticas e/ou passagens ao ato, assim como outras formas de descarga pelas vias curtas (evacuação, ato reflexos, etc), por não se inscreverem no regime associativo, por não se relacionarem com as experiências atuais, e se expressarem por vivências de vazio, condutas de evitamento que ameaçam o setting analítico de explodir, onde a repetição toma o lugar da rememoração. Retornando a Green, este tipo de trauma permanece inconsciente e deixa o rastro de uma “memória amnésica”, isto é, um inconsciente de onde brota uma dor psíquica que não se reconhece como dor e que precisa de um outro para ser reconhecida como tal.

Só a força do trauma para desfazer o noivado, a ofuscação como a que referimos em Freud e Peter Kien, um trauma que desfaça o enlace e permita que a história seja reescrita. Ou até mais que isso, permite que aquilo que ainda era *sem sentido* tome um sentido. Não há *après* sem *coup*, sem golpe, sem o golpe do acontecimento, sem o golpe imprevisto do acontecimento. *O après-coup une o que somos inclinados a opor: a violência da efração traumática e a abertura do sentido*, escreve Jacques André. E por isso autor de um dos relatórios do 69º Congresso de Países de Língua Francesa propõe chamar o après-coup de “um operador, um transformador, **o agente de passagem**”. Se nos esquecermos de um dos dois aspectos, deixamos de ter um acontecimento psíquico observável. *“O après-coup é passagem: da repetição à rememoração, do imaginário (o surgimento da representação inconsciente) ao simbólico (a reintegração do passado), do caos à história, do silêncio ao relato, da infantia à palavra”*.

Ainda deste mesmo comentário que apresentei em Santiago de 2008, retiro o seguinte: “A clínica psicanalítica tem convocado os psicanalistas a reintroduzirem no campo discursivo, até então fortemente limitado à interpretação como meio de procura do fundamento, as diferentes dimensões da intuição e a re-valorizar as construções, “delírios” dos psicanalistas, como condição e forma de conhecer. Há um importante deslocamento da questão: o pólo da procura pela compreensão e entendimento dos conteúdos, isto é, da investigação sobre os fundamentos, cede lugar para a atenção ao processo, ao movimento, aos ritmos, às intensidades, à

frequência, ao caminho, qualquer ele que seja, ***desde que ande o bastante***, como nos ensina o gato de Cheshire em seu diálogo com Alice.

-Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?

pergunta Alice ao gato de Cheshire:

- *Depende bastante de para onde quer ir.*

- *Não me importa muito para onde.*

- *Então não importa que caminho tome...*

-... *contanto que chegue a algum lugar*, conclui Alice.

- *Oh, isso você certamente vai conseguir **desde que ande bastante**.*

- *Que espécie de gente vive por aqui?*

- *Naquela direção vive um Chapeleiro; e naquela direção vive uma Lebre de Março. Visite qual deles quiser: os dois são loucos.*

- *Mas não quero me meter com gente louca.*

- *Oh, é inevitável! Somos todos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca.*

- *Como sabe que sou louca?*

- *Só pode ser, ou não teria vindo parar aqui⁴.*

Contra este pólo orientado pela busca dos fundamentos, do understanding, do que se esconde por debaixo das coisas, o *après-coup* sustenta que a força do acontecimento, a força que a transferência atualiza, é indissociável da repetição. *Desde que ande o bastante*, diz o Gato. O dia-a-dia do psicanalista se dá no trabalho de "perlaboração", termo que se compreende melhor em alemão, *durch arbeiten*, ou em inglês, *working through*, isto é, trabalhar através. E isso quer dizer que uma interpretação tem que ser trabalhada mil vezes. Repetir para elaborar. Alguma *coisa* vem de fora que atinge alguma *coisa* de dentro. Entre dentro e fora, o *après-coup*, um ser de passagem, por isso de abertura, não se deixa facilmente localizar nem protagonizar. O que era apenas impressão, traço, compulsão a

⁴ Diálogo extraído e resumido por mim de Alice no País das Maravilhas, edição comentada, Jorge Zahar Editores, 2002, pg.63.

repetir, neste encontro com o outro, se abre e ganha possibilidades de significação.

Por isso aceitar o après-coup como “analísante da situação analítica” implica a renúncia ao controle do tempo e da possibilidade de conhecimento do fundamento das coisas, isto é, de uma estrita separação do sujeito e do objeto, da possibilidade de um “sujeito” conhecer um “objeto”. Significa que sujeito, objeto e a possibilidade de sua relação se constituem mutuamente, sem que se possa aceitar a pré-existência de um sobre o outro. Por isso podemos dizer que o conceito de unidade é o resultado do processo de constituição do si-mesmo. A possibilidade da representação do “um” só vem depois do “três” estar representado, ou dito de um modo provocativo, o “um” só vem depois do “três”, isto é, da soma do um e do dois e da diferença entre um e outro. Representar o “um” tem como pré-condição para sua vigência, a identidade e a diferença.

IV- Para finalizar, gostaria de lembrar a entrevista que o professor e artista plástico, Carlos Fajardo dá para a Revista Brasileira de Psicanálise. Ao se referir à arte contemporânea, ele nos oferece uma analogia fecunda para pensar nossa clínica. Cito a entrevista: *“Acho que a arte contemporânea trata de equivalências. (...) Você faz ou não parte dela. É muito difícil você, dentro de uma instalação, ter um juízo crítico, se tem tudo a ver com ela. Então, o juízo crítico fica aí em estado de suspensão, por ter um sistema muito forte e poderoso de equivalências de relações”. (...) “A arte da instalação diz o seguinte: Sua presença é obrigatória, senão ela não acontece. Não dá mais para ficar lá no museu”.*

A arte contemporânea, digo eu, a clínica contemporânea, não é representação de coisa alguma, por isso não oferece chave de compreensão do mundo. Não trata de significar o mundo ou a vida de um sujeito; mas de se abrir e de se oferecer como uma experiência, física, suja, banal, capaz de ser repetida e remontada. Ao tomar o homem em constante processo de criação do “si mesmo” e do outro, Carlos Fajardo nos aponta para os riscos de tomarmos a representação como elemento último constitutivo do mundo das coisas, e nos lembra que no mundo dos homens nem tudo é representação. *“Acho que a arte contemporânea*

não me diz nada nem você precisa dizer nada a ela; tem de conviver com ela numa relação de fisicalidade, como uma relação de amor”.

Ele nos mostra a necessidade do trabalho radical com a alteridade, onde a arte contemporânea parece ter esse atributo da experiência de construção do sujeito no contato com a obra. Assim como na clínica psicanalítica contemporânea. A obra lança o sujeito para dentro do “si mesmo”, diferente dos trabalhos que exigem uma atenção, uma observação do que ali está representado e se representando. Não se trata de compreender, mas de fazer a experiência da obra. E neste aspecto, Carlos Fajardo é taxativo: a fisicalidade da presença é essencial. Assim como na clínica psicanalítica contemporânea.

Rio de Janeiro, 26 de março de 2009.

Miguel Calmon du Pin e Almeida